

PONTÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

CYBERBULLYING, ESTRATÉGIAS DE COPING E ESQUEMAS INICIAIS DESADAPTATIVOS EM ADOLESCENTES

CAROLINE LOUISE MALLMANN

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

**Porto Alegre
Dezembro, 2015**

PONTÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

CYBERBULLYING, ESTRATÉGIAS DE COPING E ESQUEMAS INICIAIS DESADAPTATIVOS EM ADOLESCENTES

CAROLINE LOUISE MALLMANN

ORIENTADOR: Prof(a). Dr(a). Carolina Saraiva de Macedo Lisboa

Dissertação de Mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de Concentração em Psicologia Clínica

**Porto Alegre
Dezembro, 2015**

PONTÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

***CYBERBULLYING, ESTRATÉGIAS DE COPING E ESQUEMAS INICIAIS DESA-
DAPTATIVOS EM ADOLESCENTES***

CAROLINE LOUISE MALLMANN

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof(a). Dr(a). Carmen Beatriz Neufeld (USP)

Prof. Dr Ricardo Wainer (PUCRS)

**Porto Alegre
Dezembro, 2015**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M254c Mallmann, Caroline Louise
Cyberbullying, estratégias de coping e esquemas iniciais
desadaptativos em adolescentes / Caroline Louise Mallmann. –
2015.
116 f.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de
Psicologia, PUCRS.
Orientação: Prof^a. Dr^a. Carolina Saraiva de Macedo Lisboa.

1. Assédio Virtual. 2. Ajustamento (Psicologia).
3. Adolescência. 4. Psicologia Clínica. I. Lisboa, Carolina Saraiva
de Macedo. II. Título.

CDD 155.5

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação a todas as pessoas - crianças, adolescentes ou adultos - que sofrem ou já sofreram com o *bullying* ou *cyberbullying* em algum momento de suas vidas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Prof^a. Dr^a. Carolina Lisboa por sua disponibilidade em ensinar e orientar, bem como por seu carinho, compreensão e incentivo ao longo de todo o percurso do Mestrado.

Agradeço a meus familiares: aos meus pais Carlos e Isabeth, à minha irmã Karen, a meu cunhado Filipe e à Rose por serem uma fonte inesgotável de afeto, estímulo e inspiração. O apoio oferecido por eles foi essencial para a conclusão dessa jornada.

Agradeço também a pessoas muito especiais, que me ofereceram incentivo, ajuda, estímulo e carinho. Em primeiro lugar, agradeço a Tiago Zanatta Calza, por seu companheirismo, dedicação e indispensável auxílio ao longo do percurso. Agradeço também a meus queridos amigos Vinicius Mendes da Cunha, Ana Lonardi, Kelly Paim e Bibiana Travassos. Serei eternamente grata a todos vocês.

Agradeço às colegas Ilana Fermann, Renata Ribas e Daniele Lindern, pela amizade, auxílio prático e momentos de descontração ao longo de Mestrado.

Agradeço aos demais integrantes do Grupo de Pesquisa Relações Interpessoais e Violência: contextos clínicos, sociais, educativos e virtuais (RIVI): os doutorandos André Verzoni, Bruna Holst, Cristina Horta e Fernanda Faggiani, o colaborador Jorge Ondere Neto, os alunos de Iniciação Científica Déborah Brandão, Camila Sartori e destacando o auxílio indispensável de Andréia Braga, Artur Strey, Paula Aiquel e Daniel Fulginiti.

Também agradeço à coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo incentivo à pesquisa através da concessão da bolsa de mestrado e à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) que me acolheu como aluna de Mestrado através do Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

RESUMO

Cyberbullying é definido como um fenômeno que envolve comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos, realizados através de meios eletrônicos, ao longo de um determinado período e perpetrados por um indivíduo ou grupo contra uma vítima que apresenta dificuldade em se defender. Já estratégias de *coping* são um conjunto de esforços cognitivos e comportamentais mutáveis, utilizados para lidar com exigências internas ou externas, avaliadas pelo indivíduo como excessivas aos seus recursos. Por fim, Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) referem-se a um padrão cognitivo e emocional disfuncional, relacionado a si mesmo ou a outros indivíduos, os quais são desenvolvidos durante a infância ou adolescência. Assim, o presente trabalho teve por objetivo investigar o processo de *cyberbullying* em adolescentes de duas cidades do Rio Grande do Sul (Brasil), bem como a relação desse fenômeno com as estratégias de *coping* e com os Esquemas Iniciais Desadaptativos. Para isso, a investigação foi dividida em dois artigos empíricos. O primeiro artigo objetivou relacionar os papéis sociais no *cyberbullying* (não-envolvidos, vítimas, agressores ou vítimas-agressores) e os estilos de *coping*. Participaram do estudo 273 estudantes (idade média=14,91; DP=1,43). Os adolescentes foram convidados a responder ao Questionário de Dados Sociodemográficos, ao *Revised Cyberbullying Inventory* (RCBI), ao Questionário de Esquemas de Young para Adolescentes (QEA) e ao Inventário de Estratégias de *Coping* de Lazarus e Folkman. Os resultados indicaram que 58% dos adolescentes sofreram ou perpetraram alguma forma de agressão virtual. Além disso, as médias das estratégias *coping* de autocontrole, suporte social e fuga-esquiva foram significativamente maiores para as vítimas do que para os não-envolvidos. Por sua vez, a estratégia de confronto foi mais frequente no relato das vítimas-agressores que dos não-envolvidos. Discute-se a frequência elevada do *cyberbullying* na amostra pesquisada, bem como a prevalência de estratégias de *coping* focadas na emoção. Já o segundo artigo buscou investigar as relações entre os papéis sociais no *cyberbullying* e os Esquemas Iniciais Desadaptativos propostos por Young. Os participantes, bem como os procedimentos, foram os mesmo do Estudo 1. Os resultados apontaram que as meninas tenderam a estar mais envolvidas em práticas de *cyberbullying* que os meninos. Os adolescentes envolvidos em *cyberbullying* como vítimas e vítimas-agressores tenderam a apresentar médias mais elevadas na maioria dos EIDs do que os não-envolvidos. Vítimas apresentaram escores significativamente maiores no esquema de Defeito, em comparação a agressores, vítimas-agressores e não-envolvidos, assim como obtiveram pontuações significativamente maiores nos esquemas de Desconfiança, Autocontrole insuficiente, Subjugação e Auto-sacrifício, em comparação aos não-envolvidos e no esquema de Emaranhamento em comparação a vítimas-agressores. Por outro lado, as vítimas-agressores apresentaram escores mais elevados nos esquemas de grandiosidade, auto-controle insuficiente e busca de aprovação em comparação a não-envolvidos. Observou-se uma frequência mais elevada de *cyberbullying* entre as meninas, o que remete a interpretações sobre influências culturais e biológicas relacionadas a gênero e agressividade. Por fim, é igualmente problematizada a questão dos EIDs como possíveis fatores que vulnerabilizam o indivíduo à *cyber* vitimização ou propiciam a realização de atos agressivos no contexto virtual.

Palavras-Chaves: Psicologia Clínica, *Cyberbullying*, Esquemas Iniciais Desadaptativos, Estratégias *coping*, Adolescência.

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00-1 – Psicologia

Sub-área conforme classificação CNPq: 7.07.07.01-4 Processos Perceptuais e Cognitivos; Desenvolvimento

ABSTRACT

Cyberbullying is defined as a phenomenon involving aggressive, intentional and repetitive behaviors, carried out by electronic means, during a given period and perpetrated by an individual or group against a victim with difficulties in defending herself or himself. Coping strategies are a set of mutable cognitive and behavioristic efforts, used to deal with internal or external demands that are evaluated by the individual as excessive to his or her resources. Finally, Early Maladaptive Schemes (EMSs) are a dysfunctional cognitive and emotional pattern, related to oneself or to other individuals, developed during childhood or adolescence. Thus, the objective of this paper was to investigate the process of cyberbullying in adolescents of two cities in the State of Rio Grande do Sul (Brazil), as well the relation of this phenomenon with coping strategies and with Early Maladaptive Schemes. To do so, the investigation was divided into two empirical articles. The first article aimed at relating the social roles in cyberbullying (non-involved, victims, aggressors or victim-aggressors) and the styles of coping. A total of 273 students took part in the survey (average age=14,91; DP=1.43). The teenagers were invited to answer the Sociodemographic Data Questionnaire, the Revised Cyberbullying Inventory (RCBI), the Young Schema Questionnaire for Adolescents (SQA) and the Lazarus and Folkman Coping Strategies Inventory. The results indicated that almost 58% of the adolescents suffered or perpetrated some sort of virtual violence. Moreover, the average of the coping strategies of self-control, social support and escape-avoidance were significantly higher to the victims than to the non-involved. On the other hand, the confrontation strategy was more frequent in the reports of victim-aggressors than in the non-involved. It is discussed the high cyberbullying frequency in the sample surveyed, as well as the dominance of coping strategies focused on emotion. The second article aimed at investigating the relations between social roles in cyberbullying and the Early Maladaptive Schemes proposed by Young. The participants, as well as the procedures, were the same as in Study 1. The results showed that girls tend to be more involved in cyberbullying practices than boys. Adolescents involved in cyberbullying as victims and victim-aggressors tend to present higher averages in the majority of EMSs than the non-involved. Victims presented significantly higher scores in the Defect scheme in comparison to aggressors, victim-aggressors and non-involved, as well as presented significantly higher scores in the Distrust, insufficient Self-Control, Subjugation and Self-Sacrifice Schemes in comparison with the non-involved and in the Entanglement Scheme in comparison to victim-aggressors. On the other hand, the victim-aggressors presented higher scores in the grandiosity, insufficient self-control and search for approval schemes. It was observed a higher frequency of cyberbullying among girls, which brings interpretations on cultural and biological influences related to genre and aggressiveness. Finally, it is equally debated the issue of EMSs as possible factors that make the individual vulnerable to the cyber victimization or that allow the perpetration of aggressive acts in the virtual context.

Keywords: Clinical Psychology, Cyberbullying, Coping strategies Early Maladaptive Schemes, Adolescence.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	4
AGRADECIMENTOS.....	5
RESUMO.....	6
ABSTRACT.....	7
SUMÁRIO.....	8
TABELAS.....	9
1 APRESENTAÇÃO.....	10
2 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	24
2.1 Artigo I — <i>Cyberbullying</i> e estratégias de <i>coping</i> em adolescentes.....	24
2.2 Artigo II — <i>Cyberbullying</i> e Esquemas Iniciais Desadaptativos em Adolescentes.....	49
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO.....	79
4 ANEXOS.....	81

RELAÇÃO DE TABELAS

Artigo I.....	24
Tabela 1 - Características dos participantes (idade e gênero) por grupo	36
Tabela 2. Diferenças de idade entre os grupos de envolvimento.....	36
Tabela 3 - Médias, desvio padrão e diferenças entre grupos	37
Tabela 4 - Análise de regressão logística explicando variações em cyber vitimização com base nas estratégias de coping	38
Artigo II.....	49
Tabela 1. Esquemas desadaptativos e seus respectivos domínio.....	54
Tabela 2. Frequência de envolvimento dos adolescentes com o <i>cyberbullying</i>	60
Tabela 3 - Frequência de envolvimento no <i>cyberbullying</i> de acordo com sexo dos par- ticipantes	60
Tabela 4. Médias dos esquemas desadaptativos e diferenças entre grupo.....	61
Tabela 5. Correlações entre os tipos de envolvimento no <i>cyberbullying</i> e os EID.....	63

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho trata-se de uma dissertação de Mestrado intitulada “*Cyberbullying*, Estratégias de *Coping* e Esquemas Iniciais Desadaptativos em adolescentes”, sendo realizada sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Carolina Lisboa, coordenadora do grupo de pesquisa “Relações Interpessoais e Violência: Contextos clínicos, sociais, educativos e virtuais” (RIVI). Esse grupo faz parte do programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, da área de concentração de Psicologia Clínica e a presente pesquisa insere-se nas linhas de investigação de Avaliação e Intervenção em Situações de Violência, *Bullying* e *Cyberbullying* e Teorias, Técnicas e Intervenções em Psicologia Clínica.

Esta dissertação está dividida em dois artigos empíricos. O primeiro artigo propõe-se a avaliar descritivamente alguns aspectos relacionados ao fenômeno do *cyberbullying* em adolescentes, como a frequência de envolvimento nos diferentes papéis sociais relativos à agressão virtual (vítimas, agressores, vítimas-agressores e não-envolvidos), bem como diferenças entre meninos e meninas e entre faixas etárias no que tange à participação nesse tipo de violência. Além disso, esse estudo também buscou identificar associações entre *cyberbullying* e estratégias de *coping* apresentadas. Por sua vez, o segundo artigo empírico objetivou descrever características gerais da amostra em relação ao *cyberbullying*, além de avaliar associações entre envolvimento - em seus diversos papéis sociais - ou não-envolvimento no fenômeno com Esquemas Iniciais Desadaptativos.

Temática da dissertação

O *cyberbullying* pode ser compreendido como comportamento agressivo, intencional e repetitivo, realizado através de meios eletrônicos, ao longo de um determinado período, e perpetrado por um indivíduo ou grupo contra uma vítima que apresenta dificuldade em se defender (Slonje & Smith, 2008; Smith et al, 2008). Assim, trata-se um processo de interação no qual ocorre abuso de poder sistemático, através do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) (Smith, Steffgen, & Sttichai, 2013). Esse tipo de violência envolve o uso aparatos de tecnológicos, geralmente associados à internet, como computadores, telefones celulares e *tablets* para postar ou enviar mensagens agressivas ou embaraçosas, com objetivo de ofender, insultar ou agredir a vítima (Li, Smith, & Cross, 2012; Menesini & Spiel,

2012). E-mails, fotos/vídeos, mensagens de texto, chats, websites, aplicativos de conversas e redes sociais são os meios mais utilizados para esse tipo de prática (Smith, et al., 2008).

Para que um determinado ato agressivo seja considerado *cyberbullying*, ele deve satisfazer dois critérios fundamentais: ser repetitivo e haver desequilíbrio de poder na interação agressor/vítima, o que dificulta a defesa desta última (Slonje & Smith, 2008; Smith et al., 2013). Além disso, agressão virtual é realizada de forma indireta, e, em muitos casos, é anônima, o que pode dificultar a defesa da vítima, pois é mais complexo responder efetivamente a agressões quando não se sabe a identidade do perpetrador (Smith et al., 2013). O *cyberbullying* também é capaz de atingir uma ampla audiência, não raro gerando na vítima a percepção de que não há um local seguro em que esteja a salvo das agressões, visto que a violência pode surgir no celular ou computador a qualquer momento e em qualquer lugar (Smith, 2012; Li, et al., 2012).

Alguns estudos indicam índices de prevalência de *cyberbullying* variando de 20% a 40% (Beckman, Hagquist, & Hellström, 2013; Campbell, Spears, Slee, Butler, & Kift, 2012; Li, 2007; Slonje & Smith, 2008; Smith et al., 2008; Ybarra, Boyd, & Korchmaros, 2012). Em relação a diferenças de gênero e faixa etária, ainda não há consenso na literatura sobre quais seriam os grupos mais atingidos. Slonje & Smith (2008) não encontraram diferenças significativas entre meninos e meninas quanto ao percentual de vitimização por *cyberbullying*. Resultado semelhante foi identificado por Wendt & Lisboa (2012), em um dos raros estudos empíricos sobre *cyber* agressão realizado em população brasileira. No entanto, outras pesquisas apontaram uma tendência de meninas serem mais vítimas de agressão *online* e meninos mais perpetradores (Calvete, Orue, Estévez, Villardón, & Padilla, 2010; Smith et al., 2008; Slonje, Smith, & Frisén, 2012; Walrave & Heirman, 2011). Por outro lado, um estudo conduzido por Jung et al. (2014) identificou maior envolvimento de meninos, tanto como vítimas, quanto como agressores e vítimas-agressores. Percebe-se, dessa forma, diferenças consideráveis entre os achados científicos, os quais demonstram a importância de realizar-se novos estudos a fim de se obter maior clareza quanto à incidência do *cyberbullying* em adolescentes.

Cyberbullying, esquemas iniciais desadaptativos e estratégias de coping

Nas últimas três décadas, houve grande esforço de pesquisadores para a identificação das consequências relacionadas à vitimização e/ou agressão no *bullying*. A literatura aponta que tanto vítimas quanto agressores podem apresentar dificuldades de adaptação associadas a

esse tipo de violência, embora de natureza distinta. A vitimização mostra-se correlacionada a sintomas depressivos, ansiosos, uso de substâncias e ideação suicida, enquanto a agressão, por sua vez, relaciona-se mais à criminalidade e a comportamentos antissociais (Klomek, Sourander, & Gould, 2010; Olweus, 2013; Rospenda, Richman, Wolff, & Burke, 2013). Todavia, no que concerne aos problemas decorrentes do *cyberbullying*, investigações são ainda incipientes, embora tenham crescido nos últimos anos (Sumter, Baumgartner, Valkenburg, & Peter, 2012).

Pesquisas têm apontado associação positiva entre vitimização eletrônica e prejuízos psicossociais, referindo sintomas depressivos e ansiosos, maior intensidade nos sentimentos de desconfiança, raiva, culpa e solidão, dificuldades acadêmicas, diminuição na autoestima e ideação suicida (Beran & Li, 2005; Baker & Tanrikulu, 2010; Patching & Hinduja, 2010; Çankayaa & Tanb, 2011; Jung, 2013; Kowalsky & Limber, 2013; Wigderson & Lynch, 2013; Brown, Demaray & Secord, 2014; Gini & Espelage, 2014; Nixon, 2014; Lonigro, Schneider, Laghi, Baiocco, Pallini, & Brunner, 2014). Embora as consequências do *cyberbullying* sejam semelhantes às observadas em vítimas do *bullying*, ainda não há clareza quanto a diferenças na intensidade dos sintomas em cada um dos fenômenos. Entretanto, devido à agressão virtual ser capaz de atingir um grande número de espectadores e da dificuldade em identificar-se e, portanto, defender-se do agressor, o impacto do *cyberbullying* sobre a vítima pode ser maior do que no *bullying* tradicional (Raskauskas & Stoltz, 2007; Sticca & Perren, 2012). No entanto, até o momento, essas são apenas suposições e, por essa razão, fazem-se necessários mais estudos que investiguem os efeitos do *cyberbullying* em seus envolvidos.

Pesquisas sobre o impacto do *cyberbullying* têm se concentrado especialmente na identificação de dificuldades emocionais, problemas sociais e sintomas psicopatológicos associados, como autoestima, depressão e ansiedade (Ybarra, Mitchell, Janis Wolak, & Finkelhor, 2006; Baker & Tarikulo, 2010; Patchin & Hinduja, 2010; Jung, et al., 2014). Entretanto, questionamentos e dúvidas sobre validade e utilidade de critérios diagnósticos para guiar tratamentos psicológicos e psiquiátricos têm ocorrido, visto que esses critérios oferecem uma percepção limitada sobre variáveis individuais relacionadas ao desenvolvimento e manutenção dos problemas. Dessa forma, a compreensão das dificuldades individuais com base em um corpo teórico sólido e baseado em evidências pode gerar formas mais adequadas de intervenção em comparação aos tratamentos pautados somente diagnóstico (Hofmann, 2014). Assim, tendo-se por base a teoria cognitivo-comportamental e uma de suas vertentes, a Terapia

do Esquema (Young, Klosko, & Weishaar, 2008), acredita-se que identificar os padrões cognitivos e comportamentais de vítimas e agressores do *cyberbullying* seja especialmente relevante, tendo em vista que podem guiar o desenvolvimento de intervenções preventivas e/ou tratamentos psicológicos e psiquiátricos para essa população.

O modelo cognitivo, que serviu de base para o surgimento da Terapia Cognitivo-Comportamental, colocou as estruturas e os processos cognitivos em um papel central na origem e manutenção dos transtornos mentais e outras dificuldades encontradas pelos indivíduos (Beck, 1976). De acordo com essa teoria, a capacidade de formar representações conceituais de si mesmo e do ambiente a seu redor seria inerente à condição humana e essencial à adaptação e sobrevivência da espécie (Clark, Beck, & Alford, 1999). Por essa razão, o processamento de informações possui grande influência sobre nossas experiências emocionais e comportamentais (Beck, Rush, Shaw, & Emery, 1997). Assim, a Terapia Cognitiva, oriunda dessa concepção teórica, organizou seu arcabouço técnico em torno da descoberta e correção de erros de pensamento (Beck, 1976).

Ainda na investigação e estudo dos pensamentos, o conceito de esquema, já utilizado por outros autores da Psicologia Cognitiva, como Jean Piaget, por exemplo, refere-se a padrões relativamente estáveis de interpretação dos fenômenos, que dão origem a níveis cognitivos mais superficiais, como os pensamentos automáticos (Beck & Alford, 2009). Entretanto, esses padrões cognitivos foram poucos explorados na Terapia Cognitiva proposta por Beck o que se mostrou um entrave ao tratamento de pacientes com transtornos de personalidade, por exemplo. Por essa razão, Young propôs a Terapia do Esquema, destinada ao tratamento de pacientes em cujo cerne de suas dificuldades estava à existência e manutenção de esquemas desadaptativos (Young, et al., 2008).

Esquema ou Esquema Inicial Desadaptativo (EID), conforme proposto por Young, diz respeito a um tema ou padrão cognitivo e emocional disfuncional, relacionado a si mesmo ou a outros indivíduos (Young et al., 2008). Os esquemas são desenvolvidos durante a infância ou adolescência, a partir do relacionamento com cuidadores ou outras figuras significativas (Schmidt, et al., 1995; Young et al., 2008). A partir dessas experiências, a criança ou adolescente adquire uma forma para compreender e lidar com o ambiente, que tende a ser elaborada e mantida ao longo da vida. Mesmo sendo disfuncionais, os esquemas tendem a se perpetuar e serem resistentes à mudança, visto que estão relacionados ao centro do auto-conceito do

indivíduo (Schmidt, et al., 1995). Quando ativados, eles tendem a ocasionar emoções intensas, como ansiedade, tristeza e solidão (Arntz & Jacob, 2013).

De acordo com Young et al. (2008), os esquemas surgem a partir da interação de características do temperamento da criança com necessidades emocionais básicas dos não satisfeitas nos primeiros anos de vida. Segundo os autores, há cinco necessidades emocionais fundamentais na infância: 1. vínculos seguros, 2. autonomia, competência e senso de identidade, 3. liberdade de expressão, 4. espontaneidade e lazer e 5. limites realistas e autocontrole. Determinados tipos de experiências vividas nos anos iniciais podem propiciar o desenvolvimento de EIDs, como déficits em estabilidade, compreensão e amor, vitimização, condescendência e identificação excessiva e internalização das características parentais (Martin & Young, 2010).

Para lidar com seus esquemas, as pessoas tendem a adotar estratégias de *coping*, com o objetivo de aplacar as emoções desconfortáveis desencadeadas pelos EIDs (Young, et al., 2008). *Coping* é o processo, através do qual, o indivíduo lança mão de esforços cognitivos e comportamentais para lidar com demandas, externas ou internas, interpretadas como custosas ou exigentes (Lazarus & Folkman, 1984). Esse processo inicia com uma avaliação cognitiva primária, que busca identificar se determinado evento ou situação representa alguma ameaça ao bem-estar do indivíduo. Em seguida, há uma avaliação secundária, na qual são analisadas as estratégias de enfrentamento disponíveis (Folkman, Lazarus, Dunkel-Schetter, DeLongis, & Gruen, 1986). No entanto, quando as avaliações primárias e/ou secundárias estão relacionadas à ativação de esquemas disfuncionais, é possível que as estratégias de *coping* utilizadas sejam mal-adaptativas e reforçadoras do padrão esquemático (Martin & Young, 2010).

Justificativa

Adolescentes, que vivem nesta segunda década dos anos 2000, diferenciam-se de gerações anteriores por terem nascido em uma época em que as TICs já se faziam presentes, sendo então classificados/nomeados como “nativos digitais” (Palfrey & Gasser, 2011). Ao contrário de seus pais, estes jovens têm interagido com essas tecnologias desde as etapas mais iniciais de seu desenvolvimento, fato que os torna hábeis na exploração e utilização dos recursos digitais. Por essa razão, os adolescentes encontram-se *online* quase que constantemente, utilizando esse ambiente virtual para contato com o grupo de iguais e criação e experimen-

tação da identidade – algo que seus pais faziam falando por telefone (David-Ferdon & Feldman, 2007; Palfrey & Gasser, 2011; UNICEF, 2013). Dessa forma, os pais desses jovens muitas vezes não possuem a mesma aptidão no manejo das TICs, de modo que não conseguem supervisionar adequadamente as práticas *online* de seus filhos (Juvonen & Gross, 2008).

Ao mesmo tempo em que as tecnologias apresentam vantagens e benefícios, elas também podem oferecer riscos psicossociais importantes (Hinduja & Patchin, 2009). Embora seja difícil estimar a prevalência exata da *cyberbullying*, pesquisas sugerem que ela é elevada (conforme indicaram os índices apresentados na sessão anterior), sendo um dos principais riscos do ambiente virtual para os adolescentes (Palfrey & Gasser, 2011). Por essa razão, torna-se importante a compreensão dos fatores associados ao desenvolvimento e manutenção das agressões virtuais, que poderão auxiliar para sua prevenção e intervenção quando a violência já se estabeleceu. Na presente dissertação, optou-se por analisar as relações entre Esquemas Iniciais Desadaptativos, estratégias de *coping* e *cyberbullying* em adolescentes.

Objetivo

Objetivo geral

- Investigar esquemas iniciais desadaptativos e estratégias de *coping* em adolescentes envolvidos e não-envolvidos no *cyberbullying*.

Objetivos específicos

- Identificar a presença de esquemas desadaptativos em vítimas *cyberbullying*.
- Investigar estratégias *coping* utilizadas por adolescentes vítimas de *cyberbullying*.
- Verificar as diferenças de gênero com relação aos esquemas desadaptativos e estratégias de *coping*.
- Investigar as percepções de adolescentes vítimas de *cyberbullying* sobre este tipo de violência.

Problema de pesquisa

Quais são estratégias de *coping* e os esquemas iniciais desadaptativos apresentados por adolescentes envolvidos e não-envolvidos no *cyberbullying*?

Hipóteses

H1: O grupo correspondente às vítimas de *cyberbullying* apresentará escore médio mais elevado para o esquema de defeito do que o grupo de não-envolvidos.

H0: O grupo correspondente às vítimas de *cyberbullying* não apresentará escore médio mais elevado para o esquema de defeito do que o grupo de não-envolvidos

H2: O grupo correspondente às vítimas de *cyberbullying* apresentará escore médio mais elevado para o esquema de desconfiança/abuso do que o grupo de não-envolvidos.

H0: O grupo correspondente às vítimas de *cyberbullying* não apresentará escore médio mais elevado no esquema de desconfiança/abuso grupo de não-envolvidos.

H3: O grupo correspondente às vítimas de *cyberbullying* apresentará escore médio mais elevado para o esquema de isolamento social do que o grupo de não-envolvidos.

H0: O grupo correspondente às vítimas de *cyberbullying* não apresentará escore médio mais elevado no esquema de isolamento social grupo de não-envolvidos.

H4: O grupo correspondente às vítimas de *cyberbullying* apresentará escore médio mais elevado para o esquema de subjugação do que o grupo de não-envolvidos.

H0: O grupo correspondente às vítimas de *cyberbullying* não apresentará escore médio mais elevado no esquema de subjugação do que o grupo de não-envolvidos.

H5: O grupo correspondente às vítimas de *cyberbullying* apresentará escore médio mais elevado para o esquema de autossacrifício do que o grupo de não-envolvidos.

H0: O grupo correspondente às vítimas de *cyberbullying* não apresentará escore médio mais elevado no esquema de autossacrifício do que o grupo de não-envolvidos.

H6: O grupo correspondente às vítimas de *cyberbullying* apresentará escore médio mais elevado para a estratégia de *coping* de fuga-esquiva do que o grupo de não-envolvidos.

H0: O grupo correspondente às vítimas de *cyberbullying* não apresentará escore médio mais elevado para a estratégia de *coping* de fuga-esquiva do que o grupo de não-envolvidos.

H7: O grupo correspondente às vítimas de *cyberbullying* apresentará escore médio mais baixo para a estratégia de *coping* de resolução de problemas do que o grupo de não-envolvidos.

H0: O grupo correspondente às vítimas de *cyberbullying* não apresentará escore médio mais baixo para a estratégia de *coping* de resolução de problemas do que o grupo de não-envolvidos.

H8: O grupo correspondente aos vítimas-agressores de *cyberbullying* apresentará escore médio mais baixo para a estratégia de *coping* de contra-ataque do que o grupo de não-envolvidos.

H0: O grupo correspondente aos vítimas-agressores de *cyberbullying* não apresentará escore médio mais baixo para a estratégia de *coping* de contra-ataque do que o grupo de não-envolvidos.

Campo de pesquisa

O estudo foi realizado em três escolas públicas estaduais, localizadas nos municípios de Porto Alegre e de Taquari, Rio Grande do Sul. Dez escolas, selecionadas por conveniência, foram convidadas a participar da pesquisa. Um contato telefônico inicial com as instituições de ensino era realizado, no qual o pesquisador se apresentava, informava o tema da pesquisa e oferecia a possibilidade de agendar-se uma reunião com a diretoria ou coordenação pedagógica para explicar o projeto de forma mais detalhada. Nas reuniões, eram expostos os trâmites do estudo, assim como oferecidos aos diretores das escolas uma cópia do projeto de pesquisa. Sete instituições declinaram a participação, alegando a impossibilidade de destinar horários de aula para a realização da pesquisa. Os diretores das instituições que manifestaram concordância com a realização do estudo assinaram a Carta de Anuência. Após essa concordância, Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) eram entregues aos alunos para que fossem repassados a seus pais ou responsáveis, devendo ser assinados quando houvesse assentimento dos cuidadores quanto à participação de seu filho no estudo. Os adolescentes também foram informados sobre os objetivos da pesquisa e seus procedimentos, iniciando o preenchimento dos inventários somente após assinarem o Termo de Assentimento do Adolescente.

Delineamento

Essa pesquisa possui um delineamento quantitativo e transversal (Breakwell, Hammond, Fife-Shaw, & Smith, 2010).

Amostra

Participaram desse estudo 273 adolescentes, estudantes de escolas públicas estaduais das cidades de Taquari e Porto Alegre. O tamanho da amostra foi definido com auxílio do *software G*Power*, que indicou um número mínimo de 150 participantes, considerando-se erro β de 80% e nível de significância de 95% e tendo em vista o número de variáveis em estudo e os testes estatísticos pretendidos. Optou-se por participantes da faixa etária entre 13 e 18 anos, tendo em vista que grande parte dos envolvidos no *cyberbullying* estarão neste intervalo de idade (Slonje & Smith, 2008; Tokunaga, 2010).

Instrumentos

Questionário sociodemográficos

O instrumento buscou identificar informações sociodemográficas dos adolescentes, como idade, série/ano de estudo, com quem reside, assim como dados referentes ao uso das TICs – mais especificamente, internet, telefones celulares e *smartphones*.

Revised Cyberbullying Inventory

O *Revised Cyberbullying Inventory* (RCBI) (Topcu & Erdur-Baker, 2010) destinou-se à avaliação da frequência de envolvimento em situações de *cyber* agressão e *cyber* vitimização e é composto por 14 itens, dispostos em duas subescalas paralelas (*cyber* agressão e *cyber* vitimização). A versão do RCBI utilizada no presente estudo trata-se de uma adaptação e tradução do instrumento original ao português do Brasil e à realidade tecnológica atual.

Questionário de Esquemas para Adolescentes de Young

O Questionário de Esquemas para Adolescentes de Young (QEA) (Santos, Rijo & Pinto Gouveia, 2009; Young, 2015) foi utilizado para avaliar-se os Esquemas Iniciais Desadaptativos. Trata-se de um questionário de auto-resposta, destinado a adolescentes entre 12 e 18 anos, desenvolvido em população portuguesa, consistindo em uma versão do Young Schema Questionnaire (YSQ-S3). O QEA é composto por 54 itens, relacionados a cada um dos EIDs propostos teoricamente por Young na Terapia do Esquema (2003). No presente estudo, o QEA foi adaptado ao idioma português do Brasil.

Inventário de Estratégias de Coping de Lazarus e Folkman

Este inventário consiste em um instrumento de auto-relato, que busca avaliar estratégias utilizadas pelo respondente para lidar com uma situação avaliada por ele como estressora. O instrumento é constituído por 66 itens, divididos em oito subescalas: confronto, afasta-

mento, autocontrole, suporte social, aceitação de responsabilidade, fuga-esquiva, resolução de problemas e reavaliação positiva (Folkman & Lazarus, 1985). Neste estudo, utilizou-se a versão dessa escala traduzida para o português por Savóia, Santana e Mejias (1996).

Procedimentos para coleta de dados

O processo de coleta de dados ocorreu coletivamente, nas salas de aula, durante horários destinados a esse fim. No mínimo, um pesquisador esteve presente durante a coleta de dados, que ofereceu explicações sobre os instrumentos e instruções sobre o preenchimento. O tempo de aplicação dos instrumentos foi de aproximadamente 60 minutos.

Referências

- Arntz, A., & Jacob, G. *Schema therapy in practice: An introduction guide to the schema mode approach*. West Sussex: Wiley-Blackwell.
- Beck, A. T. (1976). *Cognitive therapy and the emotional disorders*. Boston: Meridian.
- Beck, A. T., Rush, A. J., Shaw, B. F., & Emery, G. (1997). *Terapia Cognitiva da depressão*. Porto Alegre: Artmed.
- Baker, Ö. E., & Tanrikulu, İ. (2010). Psychological consequences of cyber bullying experiences among Turkish secondary school children. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 2(2), 2771–2776. doi:10.1016/j.sbspro.2010.03.413
- Beckman, L., Hagquist, C., & Hellström, L. (2013). Discrepant gender patterns for cyberbullying and traditional bullying: An analysis of Swedish adolescent data. *Computers in Human Behavior*, 29, 1896-1903.
- Beran, T., & Li, Q. (2005). Cyber-harassment: A study of a new method for an old behavior. *Journal of Educational Computing Research*, 32(3), 265-277.
- Breakwell, G. M., Hammond, S., Fife-Shaw, C., & Smith, J. A. (2010). *Métodos de pesquisa em Psicologia*. Porto Alegre, Artmed.
- Brown, C. F., Demaray, & Secord, S. M. (2014). Cyber victimization in middle school and relations to social emotional outcomes. *Computers in Human Behavior*, 35, 12-21.
- Calvete, E., Orue, I., Estévez, A., Villardón, L. & Padilla, P. (2010). Cyberbullying in adolescents: Modalities and aggressor's profile. *Computers in Human Behavior*, 26, 1128-1135. doi: 10.1016/j.chb.2010.03.017.

- Campbell, M. A., Spears, B., Slee, P., Butler, D. A., & Kift, S. M. (2012) *VictimsINK* "<http://eprints.qut.edu.au/53597/>" D. A., & Kift, S. M. (2012) *comes. behavior. ying and traditona Emotional and Behavioural Difficulties*, 17(3-4), 389-401.
- Çankayaa, H. I., & Tan, Ç (2011). Effect of cyber bullying on the distrust levels of preservice teachers: Considering internet addiction as a mediating variable. *Procedia Computer Science*, 3, 1353–1360.
- Clark, D. A., Beck, A. T., Alford, B. A. (1999). *Scientific foundations of cognitive theory and therapy of depression*. New York: John Wiley & Sons, Inc.
- David-Ferdon, C., & Hertz, M. F. (2007). Electronic media, violence, and adolescents: An emerging public health problem. *Journal of Adolescent Health*, 41(6), S1–S5.
- Dehue, F., Bohlman, C., & Völlink, T. (2008). Cyberbullying: Youngsters' experiences and parental perception. *Cyberpsychology and Behavior*, 11(2), 2117-223. doi: 10.1089/cpb.2007.0008.
- Erdur-Baker, O., Tanrikulu, I. (2010). Psychological consequences of cyber bullying among Turkish secondary school children. *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 2, 2771-2776.
- Fundo das Nações Unidas para a Infância –UNICEF (2013). *O uso da internet por adolescentes*. Recuperado em http://www.unicef.org/brazil/pt/br_uso_internet_adolescentes.pdf
- Folkman, S., Lazarus, R. S., Dunkel-Schetter, C. DeLongis, A., & Gruen, R. J., (1986). Dynamics of a stressful encounter: Cognitive appraisal, coping and encounter outcomes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(5), 992-1003.
- Gini, G., & Espelage, D. L. (2014). Peer Victimization, cyberbullying, and suicide risk in children and adolescents. *Journal of the American Medical Association*, 312(5), 545-546. doi:10.1001/jama.2014.3212.
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2009). Cyberbullying and self-esteem. *Journal of School Health*, 80 (12), 614-621.
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2012). Cyberbullying: Neither an epidemic nor a rarity. *European Journal of Developmental Psychology*. Publicação online antecipada. dx.doi.org/10.1080/17405629.2012.706448.
- Hofmann, S. G. (2014). Toward a cognitive-behavioral classification system for mental disorders. *Behavior Therapy*, 45, 576-587.

- Jung, Y. E., Leventhal, B., Kim, Y. S., Park, T. W., Lee, S. H., Lee, M., . . . Park, J. I. (2014). Cyberbullying, problematic internet use, and psychopathologic symptoms among Korean youth. *Yonsei Medical Journal*, *55* (3), 826-830.
- Kowalsky, R. M., & Limber, S. P. (2013). Psychological, physical, and academic correlates of cyberbullying and traditional bullying [Material suplementar]. *Journal of Adolescent Health*, *53*(1), S13-S20.
- Klomek, A. B., Sourander, M. & Gould, A. (2010). The association of suicide and bullying in childhood to young Adulthood: A review of cross-sectional and longitudinal research findings. *Canadian Journal of Psychiatry*, *55*(5), 282-288.
- Lazarus, R.S., & Folkman (1985). *Stress, appraisal, and coping*. Nova York, NY: Springer Publishing Company.
- Li, Q. (2007). New bottle, but old wine: A research of cyberbullying in schools. *Computers in human behavior*, *23*, 1777-1791.
- Li, Q., Smith, P. K., & Cross, D. (2012). Research into cyberbullying. Li, Q., Cross, D., & Smith, P. K. (Eds.). In *Cyberbullying in the global playground: Research from international perspectives*. West Sussex, UK: Blackwell Publishing.
- Lonigro, A., Schneider, B. H., Laghi, F., Baiocco, R., Pallini, S., & Brunner, T. (2014). Is cyberbullying related to trait or state of anger? *Child Psychiatry & Human Development* Publicação online antecipada. doi: 10.1007/s10578-014-0484-0
- Martin, R., & Young, J. (2010). Schema Therapy. Em K. Dobson (Eds.). *Handbook of cognitive-behavioral therapies*. New York: The Guildford Press. [e-book]
- Menesini E., & Spiel, C. Cyberbullying: Development, consequences, risks and protective factors. *European Journal of Developmental Psychology*, *9*(2), 163-167.
- Nixon, C. L. (2014). Current perspectives: The impact of cyberbullying on adolescents health. *Adolescent Health, Medicine and Therapeutics*, *5*, 143-158.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school: What we know and what we can do*. Oxford, Cambridge, MA: Blackwell.
- Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2010). Cyberbullying and self-esteem. *Journal of school mental health*, *80*(12), 614-621.
- Palfrey, J., & Gasser, U. (2011). *Nascidos na era digital: Entendendo a primeira geração de nativos digitais*. Porto Alegre: Artmed.

- Raskauskas, J., & Stoltz, A. D. (2007). Involvement in traditional bullying among adolescents. *Developmental Psychology, 43*(3), 564-575.
- Santos, L. F. S. M., & Pinto Gouveia, J. A. V. (2009). *Questionário de Esquemas para Adolescentes (QEA): Estudos de validação numa amostra de adolescentes da população normal*. Tese de doutorado, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Santos, L., Rijo, D., & Pinto Gouveia, J. A.V. (2009). *Questionário de Esquemas de Young para Adolescentes – QEA*. Não publicado.
- Savóia, M. G., Santana, P. R., & Mejias, N. P. (1996). Adaptação do inventário de estratégias de coping de Folkman e Lazarus para o português. *Psicologia USP, 1*(2), 183-201.
- Schmidt, N. B., Joiner Jr., T. E., Young, J. E., Telch, M. J. (1995). The Schema Questionnaire: Investigation of psychometric properties and the hierarchical structure of a measure of maladaptive schemas. *Cognitive Therapy and Research, 19*(3), 295-321.
- Slonje, R., & Smith, P. K. (2008). Cyberbullying: Another main type of bullying? *Personal and social sciences, 49*, 147-154
- Slonje, R., Smith, P. K., & Frisé, A. (2012). Process of cyberbullying, and feelings of remorse by bullies: A pilot study. *European Journal of Developmental Psychology, 2*(2), 244-259
- Smith, P. K. (2012). Cyberbullying: Challenges and opportunities for a research program – A response to Olweus. *European Journal of Developmental Psychology, 9*(5), 553-558.
- Smith, P. K., Mahdavi, J., Carvalho, M., Fisher, S., Russel, S., & Tippett, N. (2008). Cyberbullying: Its nature and impact in secondary school pupils. *Child psychology and Psychiatry, 49*(4), 376-385.
- Smith, P. K., Steffgen, G., & Sittichai, R (2013). The nature of cyberbullying, and the international network. EM Smith, P. K. & Steffgen, G. (Eds). *Cyberbullying through the new media: Findings from an international network*. Londres, UK: Psychology Press.
- Sticca, F., & Perren, S. (2012). Is cyberbullying worse than traditional bullying? Examining the differential roles of medium, publicity, and anonymity for the perceived severity of bullying. *Journal of Youth Adolescence, 42*, 739-750. doi: 10.1007/s10964-012-9867-3.
- Sumter, S. R., Baumgartner, S. E., Valkenburg, P. M., & Peter, J. (2012). Developmental trajectories of peers victimization: Off-line and online experiences during adolescence. *Journal of Adolescence Health, 50*, 607-613.

- Topku,Ç., & Erdur-Baker, Ö (2010). The Revised Cyber Bullying Inventory (RCBI): validity and reliability studies. *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 5, 660–664.
- Ybarra, M. L., Mitchell, K. J., Wolak, J., & Finkelhor, D. (2006). Examining characteristics and associated distress related to internet harassment: Findings from the second youth Internet safety survey. *Pediatrics*, 118(4), 1169–11177. doi: 10.1542/peds.2006-0815
- Ybarra, M., Boyd, D., Korchmaros, J., & Oppenkeim, J. K. (2012). Defining and measuring *cyberbullying* within the larger context of bullying victimization. *Journal of Adolescent Health*. 51(1), 53-58. doi: 10.1016/j.jadohealth.2011.12.031.
- Young, J. E. (1999). *Terapia cognitiva para transtornos de personalidade: Uma abordagem focada nos esquemas*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2008). *Terapia do Esquema: Guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Walrave, M., & Heirman, W. (2011). Cyberbullying: Predicting victimization and perpetration. *Children & Society*, 25(1), 59-72.
- Wendt, G. W., & Lisboa, C. S. M. L. (2012). *Cyberbullying em adolescentes brasileiros*. Dissertação de mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.
- Wigderson, S., & Lynch, M. (2013). Cyber- and tradicional peer victimization: Unique relationships with adolescent well-being. *Psychology of Violence*, 3(4), 297-309

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho apresenta contribuições importantes para o cenário de pesquisa nacional envolvendo o *cyberbullying* na adolescência, propiciando maior entendimento sobre relações entre a vitimização em adolescentes gaúchos, as estratégias de *coping* utilizadas e Esquemas Iniciais Desadaptativos apresentados. Além disso, a pesquisa indica dados acerca da prevalência do fenômeno, que sugerem necessidade de maior atenção a esse tipo de agressão, tendo em vista a alta prevalência identificada.

O primeiro estudo empírico avaliou descritivamente o fenômeno do *cyberbullying* em adolescentes, o tipo de envolvimento e as estratégias de *coping* utilizadas. Dados descritivos apontaram a grande prevalência do fenômeno, estando mais da metade dos adolescentes da amostra envolvidos no *cyberbullying*. Por sua vez, os participantes considerados vítimas apresentaram médias mais elevadas em estratégias *coping* de suporte social, autocontrole e fuga-esquiva que os não-envolvidos. Fuga-esquiva também apresentou diferenças significativas na análise de regressão logística, aumentando em 17% as chances de serem classificados no grupo de vítimas. Por outro lado, vítimas-agressores apresentaram maior utilização de estratégias de confronto em comparação a não-envolvidos.

O segundo estudo buscou investigar diferenças na frequência de *cyberbullying* entre meninos e meninas, assim como relacionar os papéis de agressão e os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs). Os resultados demonstraram maior participação das meninas que dos meninos em práticas de *cyberbullying*. Já os participantes do grupo não-envolvidos apresentaram índices menores em diversos EIDs em comparação aos envolvidos.

Além disso, essa investigação traça relações com dois aspectos importantes para melhor compreender o fenômeno do *cyberbullying*: as estratégias de *coping* e os Esquemas Iniciais Desadaptativos. As estratégias de *coping*, utilizadas para lidar com as situações de agressão, são fundamentais para que o *cyberbullying* não tenha impacto tão negativo na vida

do adolescente. Por sua vez, os EIDs fornecem indícios de quais os esquemas que podem estar relacionados ao desenvolvimento e/ou manutenção desses diferentes papéis de agressão. Dessa forma, os dados encontrados oferecem subsídios para pensar-se em programas de intervenção que trabalhem esses dois aspectos, tendo em vista suas contribuições para manutenção da vitimização.

Estudos dessa modalidade favorecem e respaldam outras pesquisas acadêmicas, intervenções em escolas, bem como a elaboração de estratégias e políticas públicas de intervenção. Acredita-se que, através dessa articulação entre pesquisa e intervenção, seja possível estabelecer estratégias de prevenção e intervenção mais adequadas e eficazes junto a crianças e adolescentes brasileiros.

Anexo A – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Evidências de validade da escala de clima escolar Delaware School Climate Survey-Student (DSCS-S) no Brasil.

Pesquisador: Carolina Saraiva de Macedo Lisboa

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 26124814.8.0000.5336

Instituição Proponente: UNIAO BRASILEIRA DE EDUCACAO E ASSISTENCIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 576.008

Data da Relatoria: 26/03/2014

Apresentação do Projeto:

Pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS - Mestrado em Psicologia - pela mestranda Bruna Holst, sob orientação da Profa. Dra. Carolina Saraiva de Macedo Lisboa.

Objetivo da Pesquisa:

A pesquisa tem por objetivo avaliar características de validade do Delaware School Climate Survey-Student (DSCS-S). Trata-se de instrumento desenvolvido por pesquisador da University of Delaware para avaliar o clima escolar. O instrumento é composto de 78 itens organizados em quatro áreas de avaliação: clima escolar, técnicas escolares de comportamento, bullying e engajamento estudantil. Como objetivos específicos, os pesquisadores pretendem: realizar a tradução e adaptação do DSCS-S; examinar evidências de validade de conteúdo do DSCS-S; investigar evidências de validade baseadas na estrutura interna do DSCS-S; averiguar evidências de validade baseadas em variáveis externas ao clima escolar.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: cansaço durante o preenchimento dos questionários (tempo aproximado de uma hora), sendo que nesse caso a coleta de dados poderá ser interrompida por iniciativa do participante. Benefícios: os resultados do estudo serão divulgados às escolas e aos participantes na forma de

Endereço: Av. Ipiranga, 6690, prédio 60, sala 314

Bairro: Partenon

CEP: 90.610-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3320-3345

Fax: (51)3320-3345

E-mail: oep@puors.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



Continuação do Parecer: 576/08

palestras sobre o clima escolar, permitindo diagnóstico para o apoio ao desenvolvimento de estratégias para o clima escolar positivo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de estudo com abordagem quantitativa. Participarão do estudo aproximadamente 780 adolescentes entre 11 e 18 anos, estudantes de escolas públicas e privadas localizadas em Porto Alegre.

A coleta de dados será realizada por meio de dois instrumentos (questionários): questionário de dados sócio-demográficos e o Delaware School Climate Survey-Student (traduzido e adaptado para o português). A validade do instrumento será determinada por meio de análise de comitê de experts e tradutores, pelo cálculo de Coeficiente de Validade de Conteúdo, e por análise fatorial e de consistência interna.

Os procedimentos de coleta de dados preveem autorização da direção das escolas (Termo de Anuência), apresentação/assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos pais ou responsáveis pelos alunos e a apresentação/assinatura do Termo de Assentimento do Menor, para os participantes do estudo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O processo apresentado para apreciação do CEP inclui os seguintes documentos:

- ζ carta de apresentação e encaminhamento do estudo ao CEP da PUCRS;
- ζ folha de rosto da CONEP, datada e assinada pela orientadora;
- ζ carta de aprovação da Comissão Científica da FAPSI;
- ζ projeto de pesquisa, com detalhamentos conceituais e metodológicos;
- ζ Currículo Lattes das pesquisadoras;
- ζ orçamento do projeto assinado pelas pesquisadoras;
- ζ cronograma de execução da pesquisa;
- ζ Termo de Assentimento do Menor;
- ζ Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE);
- ζ Instrumentos de coleta de dados, incluindo cópia do Delaware School Climate Survey-Student;
- ζ Documento de aprovação do estudo com cooperação estrangeira de pesquisador da University of Delaware.
- ζ Carta de autorização do estudo (e Termo de Anuência) da Escola Estadual Visconde de Pelotas e da Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Maria Thereza da Silveira.

Endereço: Av. Ipiranga, 6690, prédio 60, sala 314
 Bairro: Partenon CEP: 90.610-900
 UF: RS Município: PORTO ALEGRE
 Telefone: (51)3320-3345 Fax: (51)3320-3345 E-mail: cep@puers.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



Continuação do Parecer: 576.008

Recomendações:

Encaminhar emenda notificando este CEP, caso haja a inclusão de novas escolas no decorrer do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto apresenta objetivos claros e bem fundamentados. Os procedimentos metodológicos previstos são adequados. Os esclarecimentos solicitados no parecer anterior foram apresentados.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

PORTO ALEGRE, 31 de Março de 2014

Assinador por:
caio coelho marques
(Coordenador)

Endereço: Av. Ipiranga, 6690, prédio 60, sala 314
Bairro: Partenon CEP: 90.610-900
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3320-3345 Fax: (51)3320-3345 E-mail: cep@puors.br

Anexo B - Questionário de dados sociodemográficos

- 1) Nome: _____
- 2) Idade: _____
- 3) Sexo: () Feminino () Masculino
- 4) Anos de escolaridade: _____ anos
- 5) Em qual série ou ano você está? _____ () ano () série
- 6) Turno em que estuda: () manhã () tarde () noite () integral
- 7) Repetiu de ano? () sim () não
- 8) Nome da Escola
- 9) Você mora atualmente () com meus pais () com parentes () outro
- 10) Quantas pessoas moram na sua casa (incluindo você)? _____
- 11) Você possui irmãos? () sim () não () se marcou sim, quantos irmãos você tem?

- 12) Qual a profissão da sua mãe?

- 13) Qual a escolaridade de sua mãe?
() Nenhuma () Ensino Fundamental Incompleto () Ensino Fundamental Completo () Ensino Médio Incompleto () Ensino Médio Completo () Ensino Superior Incompleto () Ensino Superior Completo
- 14) Qual a profissão do seu pai?

- 15) Qual a escolaridade do seu pai?
() Nenhuma () Ensino Fundamental Incompleto () Ensino Fundamental Completo () Ensino Médio Incompleto () Ensino Médio Completo () Ensino Superior Incompleto () Ensino Superior Completo
- 16) Você possui computador em casa? () sim () não Se você marcou sim, quantos computadores tem em casa? _____
- 17) Você possui um **computador somente seu**? () sim () não
- 18) Você possui um **aparelho celular somente seu**? () sim () não

19) Você possui aparelho de celular com acesso à internet (*smartphone*) **somente seu**?

() sim () não

20) Você acessa a internet:

() todos os dias () Até 2 vezes na semana () De 3 a 5 vezes na semana () não acesso

21) Você acessa a internet na escola? () sim () não

22) Quantas horas por semana você passa, em média, utilizando o **computador**? __ horas

23) Quantas horas por semana você passa, em média, utilizando o **telefone celular**

(*smartphone ou não*)? __ horas

24) Quantas tempo você passa, em média, utilizando a **internet** (contabilizando uso feito em **computadores, tablets, smartphones**)?

Até 1 vez na semana

De 2 a 3 vezes na semana

De 4 a 6 vezes na semana

Até 1 hora por dia

De 1 a 3 horas por dia

Mais de 3 horas por dia

25) Onde você tem mais probabilidade de usar a internet? (marque todas as opções que se aplicam)

Eu não uso internet

No meu quarto

Do meu telefone celular

Em casa, fora do meu quarto

Na escola

Na casa de um amigo

Em uma biblioteca

Lan House

Na casa de um parente

Outro (especifique) _____

26) Qual a **principal** atividade que você realiza através da **internet no computador**? (marque todas as opções que se aplicam)

Eu não uso internet

Para visitar *sites*

- Salas de bate-papo
- Para enviar e receber e-mail
- Conversas instantâneas, como no Facebook, Skype ou Whatsapp
- Trabalhos da escola
- Download* de músicas, filmes ou programas (ou assistir *online*)
- Jogos *online*
- Compras *online*
- Redes sociais (Facebook, Twitter)
- Outros (especifique)_____

27) Qual a **principal** atividades que você realiza através da **internet no celular (*smartphone*)** ou ***tablet***? (marque todas as opções que se aplicam)

- Eu não uso internet em *smartphone* ou *tablet*
- Para visitar sites
- Salas de bate-papo
- Para enviar e receber e-mail
- Conversas instantâneas, como Facebook, Skype, WhastApp, Viber
- Trabalhos da escola
- Download de músicas, filmes ou programas (ou assistir *online*)
- Jogos em aplicativos
- Compras *online*
- Redes sociais, como Facebook, Twitter, Instagram, Snapchat
- Outros (especifique)_____

28) Quais principais **redes sociais/apps sociais** você faz uso? (marque todas as opções que se aplicam)

- Eu não utilizo redes sociais/*apps* sociais
- Facebook
- Twitter
- Skype
- Flickr
- Tumblr
- Ask.fm

- Foursquare
- WhatsApp
- Snapchat
- Viber
- Instagram
- Tinder
- Outros (especifique)_____

29) Você já fez amizade ou conheceu alguém pela internet? (marque todas as opções que se aplicam)

- Sim
- Não

30) Seus pais estabelecem regras claras e/ou limitam o tempo que você passa navegando no computador?

- Sim, sempre
- Sim, às vezes
- Não, nunca
- Não se aplica

31) Seus pais estabelecem regras claras e/ou limitam o tempo que você no telefone celular?

- Sim, sempre
- Sim, às vezes
- Não, nunca
- Não se aplica

32) Seus pais monitoram as páginas e/ou aplicativos que você visita e o conteúdo que você visualiza?

- Sim, sempre
- Sim, às vezes
- Não, nunca
- Não se aplica

33) Seus pais monitoram o conteúdo que você posta em redes sociais?

- Sim, sempre
- Sim, às vezes
- Não, nunca
- Não se aplica

34) Seus pais oferecem conselhos, orientações e discutem sobre o uso seguro da internet?

Sim, sempre

Sim, às vezes

Não, nunca

<p>2) Xingamentos em sites, redes sociais ou aplicativos (salas de bate-papo, SMS, Facebook, Twitter, Skype, Instagram, Whatsapp, Snapchat, etc.) com objetivo de magoar e/ou ofender a pessoa.</p>							
<p>3) Exclusão em sites, redes sociais ou aplicativos (retirada de grupos do Facebook, Whatsaap, por exemplo) com objetivo de magoar e/ou ofender a pessoa.</p>							
<p>4) Postagem ou compartilhamento de montagens ou memes em sites, aplicativos ou redes sociais com objetivo de magoar e/ou ofender a pessoa.</p>							
<p>5) Deboches de postagens ou comentários em sites, aplicativos ou redes sociais (salas de bate-papo, SMS, Facebook, Twitter, Skype, Instagram, Whatsapp, Snapchat, etc.).</p>							
<p>6) Compartilhamento de conversas privadas (como print de conversas do Whatsapp, Facebook, Skype) sem autorização e com objetivo de magoar e/ou ofender a pessoa.</p>							

7) Envio de mensagens de texto (em salas de bate-papo, SMS, Facebook, Whatsapp, etc.) com objetivo de magoar e/ou ofender a pessoa.								
8) Compartilhamento de fotos, vídeos ou audios privados em redes sociais ou aplicativos (salas de bate-papo, SMS, Facebook, Twitter, Skype, Instagram, Whatsapp, Snapchat, etc.) com objetivo de magoar e/ou ofender a pessoa.								
9) Envio de e-mail cujo texto tem o objetivo de humilhar, magoar e/ou ofender a pessoa.								
10) Uso de perfil fake em sites, aplicativos ou redes sociais com objetivo de enganar, magoar e/ou ofender a pessoa.								
11) Acesso a dados de <i>e-mail</i> (nome de usuário e senha) sem autorização para leitura de mensagens com objetivo de magoar e/ou ofender a pessoa.								
12) Impedimento de acesso a e-mail, perfis em sites, aplicativos ou redes sociais através da troca de nome do usuário e senha.								

13) Uso sem permissão de perfis em sites, aplicativos ou redes sociais com objetivo de magoar e/ou ofender a pessoa.								
14) Acesso sem permissão a informações pessoais do computador, <i>smartphone</i> e/ou <i>tablet</i> (como arquivos, endereços de <i>e-mail</i> , fotos, mensagens instantâneas, ou informações de Facebook).								

1. Caso você tenha marcado, ao menos uma vez, a alternativa EU FIZ ISSO “uma vez”, ou “2 ou 3 vezes” ou “mais que 3 vezes”, em qualquer um dos itens, responda:

a) O que aconteceu te deixou incomodado?

SIM () NÃO ()

b) O que aconteceu fez te sentir culpado?

SIM () NÃO ()

2. Caso você tenha marcado, ao menos uma vez, a alternativa ISSO ACONTECEU COMIGO “uma vez”, ou “2 ou 3 vezes” ou “mais que 3 vezes”, em qualquer um dos itens, responda:

a) O que aconteceu te deixou incomodado?

SIM () NÃO ()

b) O que aconteceu fez te sentir culpado?

SIM () NÃO ()

Anexo D – Questionário de Esquemas de Young para Adolescentes

INSTRUÇÕES: Este questionário apresenta algumas frases que podemos utilizar quando queremos nos descrever. Leia cada uma delas e veja até que ponto você se identifica. Em seguida, indique, para cada frase, o quanto ela o descreve. Para isso, use a escala de resposta de 1 a 6 que se encontra nesta página.

Não existem respostas certas ou erradas. Se ficar em dúvida, responda de acordo com o que sente que é o mais verdadeiro. Escolha entre as seis respostas possíveis, aquela mais tem a ver com a sua forma de sentir e pensar (assinale com um (x) no espaço indicado).

Algumas das frases apresentadas dizem respeito à relação com seus pais. No caso de um ou ambos os pais terem falecido, ou não estarem contigo, responda de acordo com a relação que tinham anteriormente ou com a pessoa que para você ocupa o papel de pai ou mãe.

ESCALA DE RESPOSTA

- 1 = Não tem nada a ver com o que acontece ou aconteceu comigo
- 2 = Tem muito pouco a ver com o que acontece ou aconteceu comigo
- 3 = Tem um pouco a ver com o que acontece ou aconteceu comigo
- 4 = É parecido com o que acontece ou aconteceu comigo
- 5 = É muito parecido com o que acontece ou aconteceu comigo
- 6 = É exatamente com o que acontece ou aconteceu comigo

Obrigada pela ajuda =)

1 = Não tem nada a ver comigo 2 = Tem muito pouco a ver comigo

3 = Tem um pouco a ver comigo 4 = É parecido comigo

5 = É muito parecido comigo 6 = É exatamente o que acontece ou aconteceu comigo

	1	2	3	4	5	6
1. Nenhuma pessoa de quem eu goste vai gostar de mim se conhecer meus defeitos e pontos fracos.						
2. É sempre eu que acabo cuidando das pessoas que são próximas de mim (familiares, amigos)						
3. É muito difícil mostrar para os outros aquilo que sinto (mesmo sentimentos positivos como o carinho, afeto ou amizade).						
4. Tenho que ser o melhor em tudo que faço; não aceito ficar em segundo lugar.						
5. Quando quero alguma coisa dos outros, tenho muita dificuldade em aceitar um "não" como resposta.						
6. Não consigo me obrigar a fazer as coisas chatas do dia-a-dia						

7. Mesmo quando as coisas parecem estar indo bem, tenho a sensação que não vai durar muito tempo. “Era bom demais pra ser verdade”.						
8. Sempre que cometo um erro, mereço ser castigado.						
9. Não tenho pessoas que me dêem carinho, apoio e afeto.						
10. Me preocupo muito com a possibilidade de perder as pessoas de quem gosto e preciso.						
11. Não vejo a vida da mesma forma que os outros; me sinto diferente das outras pessoas.						
12. Ninguém de quem eu gosto vai querer ficar comigo se souber quem eu sou de verdade.						
13. Preciso muito da ajuda dos outros para conseguir fazer as coisas do dia-a-dia.						
14. Sinto que uma desgraçada pode acontecer a qualquer momento (um terremoto, uma doença, etc.)						
15. Eu e os meus pais somos muito próximos. Sabemos tudo da vida e dos problemas uns dos outros.						
16. No meu grupo de amigos, sinto que tenho que fazer tudo o que eles querem ou vão se ficar chateados comigo, debochar de mim ou me deixar de lado.						

17. Sou uma boa pessoa, porque me preocupo mais com os outros do que comigo mesmo.						
18. Tenho vergonha de mostrar aquilo que sinto para as outras pessoas.						
19. Me esforço para ser o melhor no que eu faço. “Bom” não é o suficiente.						
20. Sinto que sou especial (sou melhor que os outros). Não deveria ser obrigado a aceitar muitas das regras que são impostas às pessoas.						
21. Fico mais feliz ao conquistar algo se isso for uma coisa que os outros valorizem.						
22. Quando acontece alguma coisa boa, me preocupo que algo ruim vá acontecer depois.						
23. Me preocupa que as pessoas de quem mais gosto me deixem ou me abandonem.						
24. Mais cedo ou mais tarde, alguém vai me trair.						
25. Sinto que não tenho a ver com grupo nenhum; sou sozinho.						
26. Na escola, a maioria das pessoas são mais capazes que eu.						
27. Sou imaturo; não sei me virar sozinho.						

28. Não existem segredos lá em casa. Se não contar tudo aos meus pais me sinto mal. Parece que estou traindo eles.						
29. No meu grupo de amigos nunca sigo a minha vontade, faço sempre aquilo que os outros querem.						
30. Tenho muita dificuldade em continuar uma tarefa chata ou que dá muito trabalho.						
31. Me sinto pouco importante quando não recebo muita atenção dos outros.						
32. Todo o cuidado é pouco; quase sempre alguma coisa ruim acontece.						
33. Se não cumprir com as minhas obrigações, mereço sofrer as consequências.						
34. Não tenho ninguém que me ouça com atenção, que me entenda ou que perceba o que sinto e preciso.						
35. Quando sinto que alguém de quem eu gosto está se afastando de mim, fico desesperado, com medo de perder ele/ela.						
36. Desconfio das pessoas.						
37. Me sinto afastado das pessoas.						

38. Sinto que ninguém vai me amar como realmente sou.						
39. Não sou tão bom na escola como as outras pessoas. Os outros fazem tudo melhor do que eu.						
40. Me preocupo em perder tudo o que tenho e ficar sem nada.						
41. Sinto que mereço tratamento especial: não devo ter que obedecer às regras que as outras pessoas têm que seguir.						
42. Não interessa porque errei. Se errei, o correto é que eu sofra as consequências e seja punido.						
43. Não tenho ninguém ao meu lado que esteja disponível para me dar conselhos e me ajudar a decidir quando não sei o que fazer.						
44. Tento descobrir as segundas intenções dos outros ou o verdadeiro motivo para fazerem certas coisas.						
45. Na escola, não sou tão inteligente como a maioria dos meus colegas.						
46. Não acredito nas minhas capacidades para resolver os problemas que possam aparecer.						
47. Me preocupo com a chance de ter uma doença grave, apesar do médico dizer que estou bem.						

48. Eu e os meus pais somos tão ligados que parece que somos a mesma pessoa.						
49. É difícil cobrar que as pessoas respeitem meus sentimentos e direitos.						
50. Me dizem para me preocupar mais comigo do que com os outros e que faço demais pelos outros.						
51. As pessoas acham que tenho dificuldade em dizer ou mostrar o que sinto.						
52. Sinto que o que eu tenho para oferecer é muito melhor do que aquilo que os outros têm para me dar.						
53. Tenho muita dificuldade em acabar as coisas que comecei, raramente consigo ir até o fim.						
54. Para me sentir uma pessoa com valor, tenho que receber muitos elogios dos outros.						

Anexo E – Inventário de Estratégias de Coping de Lazarus e Folkman

Leia cada item abaixo e indique, marcando um x na categoria apropriada, **o que você fez quando foi vítima de agressão via internet**, de acordo com a seguinte classificação:

0 = não usei esta estratégia

1 = usei um pouco

2 = usei bastante

3 = usei em grande quantidade

Caso você não tenha sofrido agressão *online*, pense em como agiu diante de alguma situação difícil que enfrentou.

	0	1	2	3
1. Me concentrei no que deveria ser feito em seguida, no próximo passo.				
2. Tentei analisar o problema para entendê-lo melhor.				
3. Procurei trabalhar ou fazer alguma atividade para me distrair.				
4. Deixei o tempo passar - a melhor coisa que poderia fazer era esperar, o tempo é o melhor remédio.				

5. Procurei tirar alguma vantagem da situação.				
6. Fiz alguma coisa que acreditava que não daria resultados, mas ao menos eu estava fazendo alguma coisa.				
7. Tentei encontrar a pessoa responsável para mudar suas ideias.				
8. Conversei com outra(s) pessoa(s) sobre o problema, procurando mais dados sobre a situação.				
9. Me critiquei, me repreendi.				
10. Tentei não fazer nada que fosse irreversível, procurando deixar outras opções.				
11. Esperei que um milagre acontecesse.				
12. Concordei com o fato, aceitei o meu destino.				
13. Fiz como se nada tivesse acontecido.				
14. Procurei guardar para mim mesmo(a) os meus sentimentos.				
15. Procurei encontrar o lado bom da situação.				
16. Dormi mais que o normal.				
17. Mostrei a raiva que sentia para as pessoas que causaram o problema.				
18. Aceitei a simpatia e a compreensão das pessoas.				
19. Disse coisas a mim mesmo (a) que me ajudassem a me sentir bem.				
20. Me inspirou a fazer algo criativo.				
21. Procurei esquecer a situação desagradável.				
22. Procurei ajuda profissional.				

23. Mudei ou cresci como pessoa de uma maneira positiva.				
24. Esperei para ver o que acontecia antes de fazer alguma coisa.				
25. Desculpei ou fiz alguma coisa para repor os danos.				
26. Fiz um plano de ação e o segui.				
27. Tirei o melhor que poderia da situação, que não era o esperado.				
28. De alguma forma extravasei meus sentimentos.				
29. Compreendi que o problema foi provocado por mim.				
30. Saí da experiência melhor do que eu esperava.				
31. Falei com alguém que poderia fazer alguma coisa concreta sobre o problema.				
32. Tentei descansar, tirar férias a fim de esquecer o problema.				
33. Procurei me sentir melhor, comendo, fumando, utilizando drogas ou medicação.				
34. Enfrentei como um grande desafio, fiz algo muito arriscado.				
35. Procurei não fazer nada apressadamente ou seguir o meu primeiro impulso.				
36. Encontrei novas crenças.				
37. Mantive meu orgulho não demonstrando os meus sentimentos.				
38. Redescobri o que é importante na vida.				
39. Modifiquei aspectos da situação para que tudo desse certo no final.				

40. Procurei fugir das pessoas em geral.				
41. Não deixei me impressionar, me recusava a pensar muito sobre esta situação.				
42. Procurei um amigo ou um parente para pedir conselhos.				
43. Não deixei que os outros soubessem da verdadeira situação.				
44. Minimizei a situação me recusando a preocupar-me seriamente com ela.				
45. Falei com alguém sobre como estava me sentindo.				
46. Recusei recuar e batalhei pelo que eu queria.				
47. Descontei minha raiva em outra(s) pessoa(s).				
48. Busquei nas experiências passadas uma situação similar.				
49. Eu sabia o que deveria ser feito, portanto dobrei meus esforços para fazer o que fosse necessário.				
50. Recusei acreditar no que estava acontecendo.				
51. Prometi a mim mesmo(a) que as coisas serão diferentes na próxima vez.				
52. Encontrei algumas soluções diferentes para o problema.				
53. Aceitei que nada poderia ser feito.				
54. Procurei não deixar que meus sentimentos interferissem muito nas outras coisas que eu estava fazendo.				
55. Gostaria de poder mudar o que tinha acontecido ou como eu senti.				

56. Mudei alguma coisa em mim, me modifiquei de alguma forma.				
57. Sonhava acordado(a) ou imaginava um lugar ou tempo melhores do que aqueles em que eu estava.				
58. Desejei que a situação acabasse ou que de alguma forma desaparecesse.				
59. Tinha fantasias de como as coisas iriam acontecer, como se encaminhariam.				
60. Rezei.				
61. Me preparei para o pior.				
62. Analisei mentalmente o que fazer ou o que dizer.				
63. Pensei em uma pessoa que admiro e em como ela resolveria a situação e a tomei como modelo.				
64. Procurei ver as coisas sob o ponto de vista da outra pessoa.				
65. Eu disse a mim mesmo(a) “que as coisas poderiam ter sido piores”.				
66. Corri ou fiz exercícios				

Anexo F – Comprovante de submissão do manuscrito “Cyberbullying e Estratégias de *Coping* em Adolescentes à Revista Acta Colombiana de Psicología

Manuscrito - Revista Acta Colombiana de Psicología ↑ ↓ × ↶

 Caroline Malmann 1632 Documentos
Para: ahravel@ustatolica.edu.co, revistaacta@ustatolica.edu.co

2 anexos (total de 655,1 KB) Outlook.com Exibição Ativa



Declaração de Resp...



Manuscrito.docx

[Baixar tudo como zip](#) [Salvar tudo no OneDrive](#)

Caro editor de la Revista Acta Colombiana de Psicología,

Estoy enviando el manuscrito "Cyberbullying e estratégias de coping em adolescentes" para su análisis, así como la carta de declaración de responsabilidad y transferencia de los derechos de autor.

Desde ya, agradezco la disponibilidad y me pongo a su disposición para cualquier duda.

Anexo G - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Nome do estudo: Padrões cognitivos e estratégias de *coping* em adolescentes vítimas e não-vítimas de *cyberbullying*

Instituição: Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Pesquisadores responsáveis: Caroline Louise Mallmann e Carolina Saraiva de Macedo Lisboa

Telefone para contato: (51) 3320.3500, ramal 7750, com a Profa. Carolina Saraiva de Macedo Lisboa, ou (51) 9974.2591, com a Mestranda Caroline Louise Mallmann

1. Objetivos do estudo

Seu (sua) filho (a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa que procura 1) identificar como ele tem feito uso da internet; 2) avaliar se, durante uso este uso, foi alvo de agressões *online*, conhecidas como *cyberbullying*; 3) identificar o que ele pensa a respeito de si, dos outros, e do mundo de uma forma geral e 4) e identificar quais comportamentos ele tende a apresentar diante de situações desagradáveis. As informações serão obtidas a partir de relatos dele próprio, através do preenchimento de questionários que avaliam tais aspectos. Não será realizada nenhuma outra forma de coleta de dados que não essa. Este estudo visa ampliar o conhecimento científico acerca do *cyberbullying*, o que, por sua vez, poderá contribuir para

o desenvolvimento de formas mais eficazes de prevenção e tratamento aos envolvidos nesse fenômeno.

2. Explicação dos procedimentos

Seu (sua) filho (a), no caso de você autorizar sua participação neste estudo através da assinatura deste termo e rubrica em todas as páginas do mesmo, responderá a seis questionários em sala de aula, durante período letivo. O primeiro questionário será sobre informações de seu filho na escola (nome da escola, ano que está cursando), dados pessoais (idade e sexo), dados familiares (profissão e escolaridade dos pais, com quantas pessoas o aluno reside, com quem reside e se possui irmãos) e dados sobre uso da internet e telefones celulares (frequência de uso, sites mais visitados, aplicativos mais utilizados). O segundo será sobre *cyberbullying* e avaliará situações de agressão via internet (ameaças, insultos, exclusão, piadas, etc). Os seguintes serão sobre críticas que seu filho faz a si mesmo, sobre como ele lida com situações difíceis e como percebe que foi a relação com ambos os pais na infância. A participação do seu (sua) filho (a) é voluntária, ou seja, ele somente responderá a esses questionários se concordar e se os pais e/ou responsáveis concordarem mediante a assinatura deste termo.

3. Benefícios e riscos

Os principais benefícios desta pesquisa são: 1) auxiliar profissionais diversos profissionais (psicólogos, educadores, assistentes sociais, médicos) a compreenderem melhor o fenômeno do *cyberbullying*, especialmente no impacto sobre suas vítimas; 2) auxiliar escolas na identificação de casos de agressão *online* entre os alunos 3) conscientizar a comunidade escolar sobre necessidade de implementar programas a respeito do uso da internet. Como contrapartida por este estudo, o corpo administrativo e pedagógico da escola receberá uma palestra sobre formas de prevenção e manejo do *cyberbullying*. O possível desconforto do participante está relacionado com o tempo e possível cansaço no preenchimento dos questionários, que deve levar em torno de uma hora para serem preenchidos, bem como em algum desconforto que pode sentir por relatar situações pessoais. Portanto, ressalta-se que que, em caso de observação de sinais de cansaço, a atividade será interrompida. No caso de qualquer sinal de desconforto ou sofrimento emocional provocado pela aplicação dos instrumentos, o fato será devidamente encaminhado pelos pesquisadores para avaliação no Serviço de Atendimento e Pesquisa em Psicologia da PUCRS (SAPP) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Faculdade de Psicologia - Av. Ipiranga, 6681, Prédio 11 - 2º Andar - Sala 209.

4. Direito à desistência

Você e/ou seu (sua) filho (a) poderão desistir de participar a qualquer momento deste estudo sem quaisquer consequências e/ou prejuízos para si ou para seu(sua) filho(a) nas instituições de educação.

5. Sigilo

Todas as informações obtidas neste estudo poderão ser publicadas com finalidade científica, preservando-se completamente a identidade dos participantes. Assim, o sigilo da identidade dos pais/responsáveis e da identidade do (a) filho (a) será mantido. Os dados serão utilizados somente para fins de pesquisa, ficando armazenados em armário chaveado sob responsabilidade da Pesquisadora Caroline Louise Mallmann.

6. Consentimento

Declaro ter lido – ou que me foram lidas – todas as informações deste documento antes de assiná-lo e de rubricar todas as suas páginas. Declaro que ficou clara a possibilidade de contatar os pesquisadores pelos telefones indicados e contatar a entidade responsável – Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS. Declaro que estou ciente de que se eu tiver alguma dúvida sobre os meus direitos ou questões éticas como participante de pesquisa, posso entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS (Hospital São Lucas da PUCRS - Av. Ipiranga 6690, Prédio 60 - Sala 314 - Porto Alegre /RS - Brasil - CEP: 90610-900 - Fone/Fax: (51) 3320.3345/ e-mail: *cep@pucrs.br* - Horário de atendimento: De segunda a sexta-feira, das 08:00 às 12:00 horas e das 13:30 às 17:00).

Por este documento autorizo meu (minha) filho (a) a participar voluntariamente deste estudo. Este documento será assinado em duas vias e uma ficará retida com os pais/responsáveis e outra será entregue ao pesquisador responsável.

Porto Alegre, _____ de _____ de 2015.

Nome dos pais/responsáveis (por extenso)

RG dos pais/responsáveis:

Assinatura dos pais/responsáveis

Nome do adolescente

Pesquisador responsável pelo estudo: Caroline Louise Mallmann / RG 9088239638

Pesquisador responsável pelo estudo: Carolina S. de Macedo Lisboa
RG 5041202549

ANEXO H - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Autorização para participar de um projeto de pesquisa

Nome do estudo: “Evidências de validade da escala de clima escolar *Delaware School Climate Survey-Student (DSCS-S)* no Brasil”

Instituição: Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Pesquisadores responsáveis: Bruna Holst e Carolina Saraiva de Macedo Lisboa

Telefone para contato: (51) 3320.3500, ramal 7747, com a Profa. Carolina Saraiva de Macedo Lisboa, ou (51) 9915.5608, com a Mestranda Bruna Holst

1. Objetivos do estudo

Seu (sua) filho (a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa que procura 1) efetuar estudos de validação para o contexto brasileiro de um instrumento sobre clima escolar; 2) avaliar fatores associados ao clima escolar no contexto brasileiro e 3) realizar comparações entre o clima escolar brasileiro e o clima escolar de outros países. Os resultados deste estudo proporcionarão às escolas um instrumento que avalie o clima escolar, que pode ser entendido como a “personalidade” da escola. O clima escolar avalia aspectos da escola como normas,

metas, valores, relacionamentos interpessoais, práticas de ensino e aprendizado, estruturas institucionais e dimensões social, emocional, ética, acadêmica e ambiental da vida escolar.

2. Explicação dos procedimentos

Seu (sua) filho (a), no caso de você autorizar sua participação neste estudo através da assinatura deste termo e rubrica em todas as páginas do mesmo, responderá a dois questionários em sala de aula, durante período letivo. O primeiro questionário será sobre informações de seu filho na escola (nome da escola, ano que está cursando, turno da aula, turma e ocorrência de repetência/expulsão escolar), dados pessoais (idade e sexo) e dados familiares (profissão e escolaridade dos pais, com quantas pessoas o aluno reside, com quem reside e se possui irmãos). O segundo será sobre clima escolar e avaliará relações professor-aluno, relações entre alunos, respeito pela diversidade, clareza das expectativas, justiça das regras, segurança escolar, engajamento do aluno, *bullying* e técnicas escolares. A participação do seu (sua) filho (a) é voluntária, ou seja, ele somente responderá a esses questionários se concordar e se os pais e/ou responsáveis concordarem mediante a assinatura deste termo.

3. Benefícios e riscos

Os principais benefícios desta pesquisa são: 1) auxiliar escolas a desenvolver programas de forma assertiva e levando em consideração o clima particular de cada escola. Estes programas vão desde melhorias no relacionamento entre alunos e alunos-professores, segurança escolar, nível de violência, nível de apreço dos alunos pela escola até programas de prevenção de violência/*bullying* e capacitação docente; 2) auxiliar escolas a obter um clima escolar positivo para seus alunos. Como contrapartida por este estudo, o corpo administrativo e pedagógico da escola receberá uma palestra contendo os resultados sobre a percepção dos alunos acerca do clima de sua escola. O possível desconforto do participante está relacionado com o tempo e possível cansaço no preenchimento dos questionários, que deve levar em torno de uma hora para serem preenchidos. Em caso de observação de sinais de cansaço, a atividade será interrompida. No caso de qualquer sinal de desconforto ou sofrimento emocional provocado pela aplicação dos instrumentos, o fato será devidamente encaminhado pelos pesquisadores para avaliação no Serviço de Atendimento e Pesquisa em Psicologia da PUCRS (SAPP) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Faculdade de Psicologia - Av. Ipiranga, 6681, Prédio 11 - 2º Andar - Sala 209.

4. Direito à desistência

Você e/ou seu (sua) filho (a) poderão desistir de participar a qualquer momento deste estudo sem quaisquer consequências e/ou prejuízos para si ou para seu(sua) filho(a) nas instituições de educação.

5. **Sigilo**

Todas as informações obtidas neste estudo poderão ser publicadas com finalidade científica, preservando-se completamente a identidade dos participantes. Assim, o sigilo da identidade dos pais/responsáveis e da identidade do (a) filho (a) será mantido. Os dados serão utilizados somente para fins de pesquisa, ficando armazenados em armário chaveado sob responsabilidade da Pesquisadora Bruna Holst.

6. **Consentimento**

Declaro ter lido – ou que me foram lidas – todas as informações deste documento antes de assiná-lo e de rubricar todas as suas páginas. Declaro que ficou clara a possibilidade de contatar os pesquisadores pelos telefones indicados e contatar a entidade responsável – Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS. Declaro que estou ciente de que se eu tiver alguma dúvida sobre os meus direitos ou questões éticas como participante de pesquisa, posso entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS (Hospital São Lucas da PUCRS - Av. Ipiranga 6690, Prédio 60 - Sala 314 - Porto Alegre /RS - Brasil - CEP: 90610-900 - Fone/Fax: (51) 3320.3345/ e-mail: cep@puers.br - Horário de atendimento: De segunda a sexta-feira, das 08:00 às 12:00 horas e das 13:30 às 17:00).

Por este documento autorizo meu (minha) filho (a) a participar voluntariamente deste estudo. Este documento será assinado em duas vias e uma ficará retida com os pais/responsáveis e outra será entregue ao pesquisador responsável.

Porto Alegre, _____ de _____ de 20____.

Nome dos pais/responsáveis

RG dos pais/responsáveis:

Assinatura dos pais/responsáveis

Nome da criança

Pesquisador responsável pelo estudo: Bruna Holst / RG 4074970916

Pesquisador responsável pelo estudo: Carolina S. de Macedo Lisboa / RG 5041202549

Anexo I - Termo de Assentimento do Adolescente

Prezados aluno,

Este estudo pretende investigar o uso de internet por adolescentes de 13 a 17 anos e agressão no contexto eletrônico, que recebe o nome de *cyberbullying*. Seus pais/responsáveis precisam autorizar a realização de qualquer tipo de estudo envolvendo crianças e adolescentes, e esta etapa já foi cumprida. Entretanto, respeitamos sua individualidade e gostaríamos de solicitar sua autorização para participação nesta pesquisa, que vai ocorrer respondendo a seis questionários em sala de aula. Como retorno de sua participação, a equipe administrativa e pedagógica da escola receberá uma palestra sobre *cyberbullying*. O objetivo deste estudo é entender melhor quais consequências a agressão via internet pode trazer aos adolescentes. Mesmo que nunca tenha sido vítima de *cyberbullying*, você pode participar deste estudo e sua colaboração será igualmente muito valiosa. Salientamos que os dados são sigilosos. Portanto, em nenhum momento, colegas, professores e diretoria da escola terão acesso a suas respostas. Agradecemos seu apoio e compreensão e nos colocamos a sua inteira disposição para esclarecer quaisquer dúvidas em relação a esse estudo científico.

Como autorização de sua participação, você precisa assinar duas vias deste documento. A sua participação é voluntária, ou seja, você somente responderá a esses questionários se concordar e se seus pais ou responsáveis concordarem mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Além disso, seu nome ou dados de identificação não se-

rão divulgados. Gostaríamos de dizer que estamos à disposição para quaisquer esclarecimentos através dos telefones (51) 3320.3500, ramal 7750.

Eu, _____ (nome por extenso),
declaro que fui informado dos objetivos desta pesquisa e gostaria de participar do estudo **“Padrões cognitivos e estratégias de *coping* em adolescentes vítimas e não-vítimas de *cyberbullying*”**, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Carolina Saraiva de Macedo Lisboa e pela Mestranda Caroline Louise Mallmann, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, ____ de _____ de 2015.

Assinatura do participante do estudo

Pesquisador responsável pelo estudo: Caroline Louise Mallmann / RG 4074970916

Pesquisador responsável pelo estudo: Carolina S. de Macedo Lisboa / RG 5041202549

ANEXO J – Carta de Anuência da Instituição

Prezado (a) Sr (a). _____, Diretor (a) da Escola _____, estamos realizando uma pesquisa intitulada “Padrões cognitivos e estratégias de *coping* em adolescentes vítimas e não-vítimas de *cyberbullying*”, cujo projeto encontra-se em anexo. Gostaríamos de solicitar a autorização para a coleta de dados em sua instituição. Informamos que não haverá custos para a instituição e, na medida do possível, não iremos interferir na operacionalização e/ou atividades cotidianas da mesma. A aplicação dos instrumentos será coletiva e levará aproximadamente uma hora para ser realizada. Esclarecemos que tal autorização é uma pré-condição para execução de qualquer estudo envolvendo seres humanos em consonância com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Como contrapartida, após a análise, os resultados obtidos a partir da aplicação deste instrumento em sua instituição serão apresentados em formato de uma palestra sobre *cyberbullying*, ministrada pelo pesquisador, direcionada à equipe administrativa e/ou pedagógica indicada pela direção institucional. Agradecemos seu apoio e compreensão, uma vez que os resultados deste estudo contribuirão para ampliar o conhecimento da comunidade escola acerca das consequências da vitimização por *cyberbullying* na adolescência.

Porto Alegre, _____ de _____ de 2014.

Pesquisador responsável pelo estudo: Caroline Louise Mallmann / RG 9088239638

Pesquisador responsável pelo estudo: Carolina S. de Macedo Lisboa / RG 5041202549

Diretor da instituição:

RG:

